

*Secretaria de Educação do Estado do Paraná  
(SEED/PR)*

# **Encantos e aprendizagens com os textos poéticos**

Paraná

2022

## Sumário

Cecília Meireles.....	3
Alguns poemas.....	4
Cora Coralina.....	8
Alguns poemas.....	9
José Paulo Paes.....	12
Alguns poemas.....	13
Mário Quintana.....	16
Alguns poemas.....	17
Marta Chaves.....	18
Alguns poemas.....	19
Olavo Bilac.....	23
Alguns poemas.....	24
Vinicius de Moraes.....	27
Alguns poemas.....	28
Tatiana Belinky.....	31
Alguns poemas.....	32

## Cecília Meireles (1901-1964)



FONTE: <https://www.escritas.org/pt/cecilia-meireles>

Cecília Meireles nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro. Não conheceu seu pai, que morreu antes de a filha nascer. Além disso, ficou órfã de mãe quando tinha dois anos de idade. Assim, foi criada pela avó materna.

Em 1917, formou-se na Escola Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, quando iniciou o magistério como professora primária, além de estudar canto e violino no Conservatório Nacional de Música.

A escritora e poetisa faleceu em 9 de novembro de 1964.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/cecilia-meireles.htm>

# Alguns poemas

## Leilão de jardim

Quem me compra um jardim  
com flores?

borboletas de muitas  
cores,

lavadeiras e  
passarinhos,

ovos verdes e azuis  
nos ninhos?

Quem me compra este  
caracol?

Quem me compra este raio  
de sol?

Um lagarto entre o muro  
e a hera,

Uma estátua da  
Primavera?

Quem me compra este  
formigueiro?

E este sapo que é  
jardineiro?

E a cigarra e sua  
canção?

E o grilinho dentro  
do chão?

(Este é o meu leilão!)

Cecília Meireles

## **Ou isto ou aquilo**

Ou se tem chuva e não se tem sol  
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,  
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,  
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,  
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo. . .  
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Cecília Meireles

## **A bailarina**

Esta menina  
tão pequenina  
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré  
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá  
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá e nem si,  
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar  
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu  
e diz que caiu do céu.

Esta menina  
tão importante  
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,  
e também quer dormir como as outras crianças.

Cecília Meireles

## **O eco**

O menino pergunta ao eco  
Onde é que ele se esconde.  
Mas o eco só responde: “Onde? Onde?”

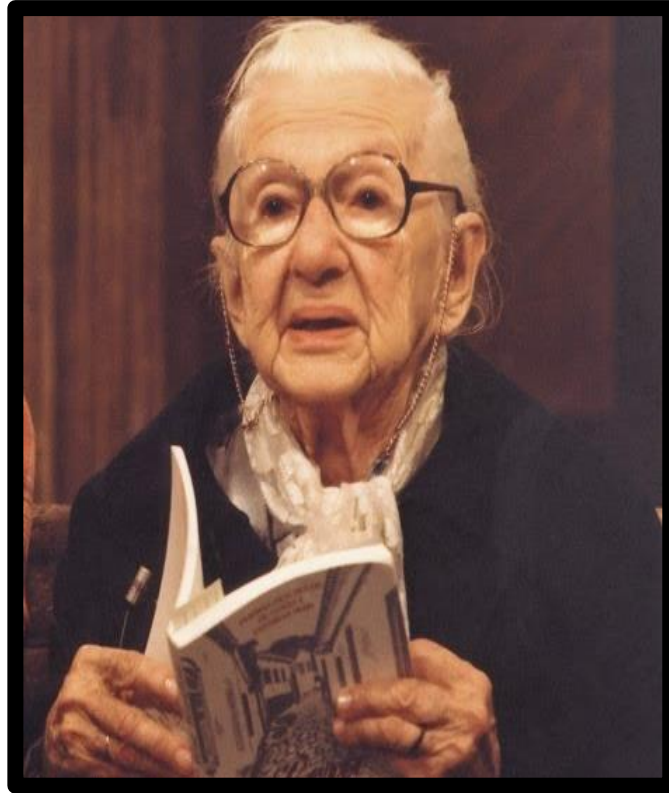
O menino também lhe pede  
“Eco, vem passear comigo!”

Mas não sabe se o eco é amigo  
Ou inimigo.

Pois só lhe ouve dizer:  
“Migo!”

Cecília Meireles

## **Cora Coralina (1889-1985)**



FONTE: <http://www.blogletras.com/2008/04/uma-entrevista-rarissima-com-cora.html>

Cora Coralina nasceu em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás – à época, capital do estado de Goiás – e foi registrada com o nome de Ana Lins dos Guimarães Peixoto. Seu pai era desembargador, mas morreu pouco depois de seu nascimento. Estudou apenas até o terceiro ano do ensino primário, o que bastou para desenvolver na menina o apreço pela leitura, que lhe avivou ainda mais a imaginação infantil.

Aos quinze anos, teve seu primeiro conto publicado, adotando o pseudônimo de Cora Coralina. A poetisa, escritora e cozinheira faleceu de pneumonia em Goiânia, no dia 10 de abril de 1985.

Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/cora-coralina.htm>



# Alguns poemas

## Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...  
Ajuntando novas pedras  
e construindo novos poemas.  
Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.  
Recomeça.  
Faz de tua vida mesquinha  
um poema.  
E viverás no coração dos jovens  
e na memória das gerações que hão de vir.  
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.  
Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas  
e não entres seu uso  
aos que têm sede.

Cora Coralina

## Mãe

Renovadora e reveladora do mundo  
A humanidade se renova no teu ventre. Cria teus filhos, não os entregues à  
creche. Creche é fria, impessoal. Nunca será um lar para teu filho. Ele,  
pequenino, precisa de ti. Não o desligues da tua força maternal.  
Que pretendes, mulher? Independência, igualdade de condições... Empregos  
fora do lar? És superior àqueles que procuras imitar. Tens o dom divino de ser  
mãe  
Em ti está presente a humanidade.  
Mulher, não te deixes castrar. Serás um animal somente de prazer e às vezes  
nem mais isso. Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar. Tumultuada,  
fingindo ser o que não és. Roendo o teu osso negro da amargura.

Cora Coralina

## **Saber viver**

Não sei... se a vida é curta  
ou longa demais para nós.  
Mas sei que nada do que vivemos  
tem sentido, se não tocarmos o coração  
das pessoas.

Muitas vezes basta ser:  
colo que acolhe,  
braço que envolve,  
palavra que conforta,  
silêncio que respeita,  
alegria que contagia,  
lágrima que corre,  
olhar que sacia amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo:  
é o que dá sentido à vida.  
É o que faz com que ela  
não seja nem curta,  
nem longa demais,  
mas que seja intensa,  
verdadeira e pura...  
enquanto durar.

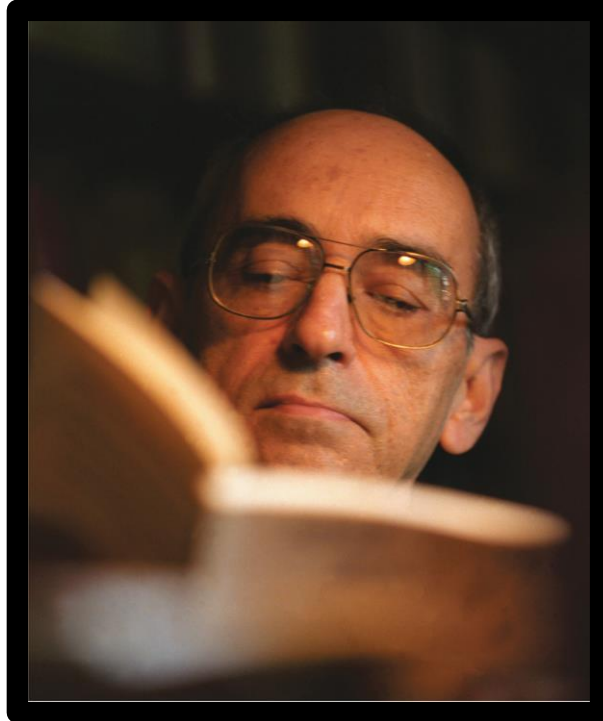
Cora Coralina

## **Assim eu vejo a vida**

A vida tem duas faces:  
Positiva e negativa  
O passado foi duro  
mas deixou o seu legado  
Saber viver é a grande sabedoria  
Que eu possa dignificar  
Minha condição de mulher,  
Aceitar suas limitações  
E me fazer pedra de segurança  
dos valores que vão desmoronando.  
Nasci em tempos rudes  
Aceitei contradições  
lutas e pedras  
como lições de vida  
e delas me sirvo  
Aprendi a viver.

Cora Coralina

## **José Paulo Paes (1926-1998)**



FONTE: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/um-homem-como-outro-qualquer/>

José Paulo Paes nasceu em Taquaritinga, interior de São Paulo, em 22 de julho de 1926. Sempre foi um apaixonado por livros. Estudou química e trabalhou em um laboratório farmacêutico por muitos anos.

Um dia resolveu escrever poesias, primeiro para os adultos e depois para as crianças. Esqueceu a química e descobriu a magia da poesia infantil, aprendeu a brincar com as palavras e escreveu muitas poesias maravilhosas para as crianças. Depois de abandonar a química, trabalhou por 25 anos com edição de livros e traduções. Morreu em 1998, aos 72 anos.

Fonte: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=416>

# Alguns poemas

## Convite

Poesia  
é brincar com palavras  
como se brinca  
com bola, papagaio, pião.

Só que  
bola, papagaio, pião  
de tanto brincar  
se gastam.

As palavras não:  
quanto mais se brinca  
com elas  
mais novas ficam.

Como a água do rio  
que é água sempre nova.

Como cada dia  
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

José Paulo Paes

### **Letra mágica**

Que pode fazer você  
para o elefante  
tão deselegante  
ficar elegante?  
Ora, troque o **f** por **g**!

Mas se trocar, no rato  
o **r** por **g**,  
transforma-o você  
(veja que perigo!)  
no seu pior inimigo:  
o gato.

José Paulo Paes

### **Duas adivinhas**

1

Subo e desço o dia inteiro  
no dentista e no barbeiro.  
Se elétrica, logo mato.  
Mas na eleição me cobiça  
todo e qualquer candidato.

2

Do direito faço esquerdo  
do esquerdo faço direito.  
Bonito me acha bonito  
feio me acha sempre feio.  
O de fora ponho dentro  
mas meu dentro está lá fora.  
Quem sou eu? Me diga agora.

José Paulo Paes

## **Sem barra**

Enquanto a formiga  
carrega comida  
para o formigueiro,  
a cigarra canta,  
canta o dia inteiro.

A formiga é só trabalho.  
A cigarra é só cantiga.

Mas sem a cantiga  
da cigarra  
que distrai da fadiga,  
seria uma barra  
o trabalho da formiga!

José Paulo Paes

## Mario Quintana (1906-1994)



FONTE: <https://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/cantor-sul-matogrossense-leva-poesia-brasileira-para-as-criancas/>

Mario Quintana nasceu em Alegrete (RS), em 30 de julho de 1906. Trabalhou em vários jornais gaúchos. Traduziu Proust, Conrad, Balzac e outros grandes autores da literatura mundial.

Em 1940, lançou a Rua dos Cata-ventos, seu primeiro livro de poesias. Seguiram-se Canções (1946), Sapato Florido (1948), O Aprendiz de Feiticeiro (1950), Espelho Mágico (1951), Quintanares (1976), Apontamentos de História Sobrenatural (1976), A Vaca e o Hipogrifo (1977), Prosa e Verso (1978), Baú de Espantos (1986), Preparativos de Viagem (1987), além de várias antologias. Faleceu no dia 5 de maio de 1994, em Porto Alegre.

Fonte: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=1316>



# Alguns poemas

Viver é acalentar sonhos e esperanças, fazendo da fé a nossa inspiração maior.  
É buscar nas pequenas coisas um grande motivo para ser feliz!

Mario Quintana

O segredo é não correr atrás das borboletas...  
É cuidar do jardim para que elas venham até você.

Mario Quintana

## Poeminha do contra

Todos estes que aí estão  
Atravancando o meu caminho,  
Eles passarão.  
Eu passarinho!

Mario Quintana

No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas  
que o vento não conseguiu levar:  
um estribilho antigo  
um carinho no momento preciso  
o folhear de um livro de poemas  
o cheiro que tinha um dia o próprio vento...

Mario Quintana

## Marta Chaves (1968)



FONTE: Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil Inclusiva (GEEII/UEM)

Marta Chaves nasceu no dia 16 de maio de 1968, em Francisco Alves-PR. É graduada em Pedagogia e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). É doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná e Pós-Doutora junto ao Departamento de Psicologia da Educação, pela Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara - Unesp. Atualmente é professora associada do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil Inclusiva (GEEII). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, educação infantil, educação, teoria histórico-cultural, literatura infantil, arte e intervenções pedagógicas. Realiza assessorias a Municípios e Secretarias de Estado em diferentes regiões do Brasil, como no Estado do Paraná e no Estado de Rondônia. Escreve versos poéticos para crianças e professores.

Fonte: Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil Inclusiva (GEEII/UEM).

# Alguns poemas

## **Amora, Amorinha**

Amora, Amorinha  
Não é uma fruta  
É uma cachorrinha  
Não é verde, nem vermelhinha  
Desde pequena é pretinha

Amora, Amorinha  
Não é uma fruta  
É uma cachorrinha  
Não nasceu do pé de amora  
Chegou em uma caixinha

Amora, Amorinha  
Não é uma fruta  
É uma cachorrinha  
Encanta todos

E, faz graça para o José Dimas, o Emanuel, o Paulo, o Miguel, Júlio, a Júlia, a Livia, a Elis, o Felipe, a Maria Júlia, a Gabriela, a Isa e a Bia.

E, brinca com o João e a Maria.

Marta Chaves

## **Toda sala tem**

Toda sala tem  
Uma criança quietinha  
E que pode representar  
Um rei ou uma rainha

Toda sala tem  
Quem termina primeiro  
Se não for o apressado  
Pode ajudar o derradeiro

Toda sala tem  
Quem aprecia o pontinho  
Sentando do ladinho  
Fazemos um passarinho

Toda sala tem  
Quem gosta de cozinha  
É preciso oferecer  
Colher de pau e farinha

Toda sala tem  
Professor ou professora  
Uma mesa arrumada  
E um vaso esperando flor

Marta Chaves

## **Hora de brincar**

Veja bem são 8 horas  
É hora de acordar  
Muito bem está na hora  
É hora de brincar!

Veja bem são 10 horas  
É hora de merendar  
Muito bem está na hora  
É hora de brincar!

Veja bem são 12 horas  
É quase hora de descansar  
Muito bem está na hora  
É hora de brincar!

Veja bem são 15 horas  
É hora de festar  
Muito bem está na hora  
É hora de brincar!

Veja bem, são que horas?  
É hora de sonhar  
É hora de sonhar e levantar!

Marta Chaves

## **Para aprender**

Para aprender a amar

É preciso começar

Para aprender a falar

É preciso imitar

Para aprender a amar

É preciso começar

Para aprender a dançar

É preciso cair e levantar

Isto que é balé?

Balé é

Para aprender a escrever

É preciso gente ser

Isto sim eu quero ver

A rever o verbo ter

Marta Chaves

## **Olavo Bilac (1865-1918)**



FONTE: <https://www.infoescola.com/escritores/olavo-bilac/>

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac foi contista, jornalista e poeta brasileiro. Foi um dos principais representantes do Movimento Parnasiano, valorizando as rimas ricas e as regras da composição poética. A letra do “Hino à Bandeira” brasileira é de sua autoria.

Olavo Bilac nasceu no Rio de Janeiro em 16 de dezembro de 1865. Era filho de Brás Martins dos Guimarães, um cirurgião do exército, e de Delfina Belmira Gomes de Paula. Faleceu dia 28 de dezembro de 1918 no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://www.infoescola.com/escritores/olavo-bilac/>

# Alguns poemas

## As flores

Deus ao mundo deu a guerra,  
A doença, a morte, as dores;  
mas, para alegrar a terra,  
Basta haver-lhe dado as flores.  
Umás, criadas com arte,  
Outras, simples e modestas,  
Há flores por toda a parte  
Nos enterros e nas festas,  
Nos jardins, nos cemitérios,  
Nos paúes e nos pomares;  
Sobre os jazigos funéreos,  
Sobre os berços e os altares,  
Reina a flor! pois quis a sorte  
Que a flor a tudo presida,  
E também enfeite a morte,  
Assim como enfeita a vida.  
Amai as flores, crianças!  
Sois irmãs nos esplendores,  
Porque há muitas semelhanças  
Entre as crianças e as flores...

Olavo Bilac

## As velhas árvores

Olha estas velhas árvores, — mais belas,  
Do que as árvores moças, mais amigas,  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...  
O homem, a fera e o inseto à sombra delas  
Vivem livres de fomes e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E alegria das aves tagarelas...  
Não choremos jamais a mocidade!  
Envelheçamos rindo! envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem,  
Na glória da alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Olavo Bilac



## **As formigas**

Cautelosas e prudentes,  
O caminho atravessando,  
As formigas diligentes  
Vão andando, vão andando...  
Marcham em filas cerradas;  
Não se separam; espiam  
De um lado e de outro, assustadas,  
E das pedras se desviam.  
Entre os calhaus vão abrindo  
Caminho estreito e seguro,  
Aqui, ladeiras subindo,  
Acolá, galgando um muro.  
Esta carrega a migalha;  
Outra, com passo discreto,  
Leva um pedaço de palha;  
Outra, uma pata de inseto.  
Carrega cada formiga  
Aquilo que achou na estrada;  
E nenhuma se fatiga,  
Nenhuma para cansada.  
Vede! enquanto negligentes  
Estão as cigarras cantando,  
Vão as formigas prudentes  
Trabalhando e armazenando.  
Também quando chega o frio,  
E todo o fruto consome,  
A formiga, que no estio  
Trabalha, não sofre fome...  
Recorde-vos todo o dia  
Das lições da Natureza:  
O trabalho e a economia  
São as bases da riqueza.

Olavo Bilac

## O Boi

Quando ainda no céu não se percebe a aurora,  
E ainda está molhando as árvores o orvalho,  
Sai pelo campo afora  
O boi, para o trabalho.  
Com que calma obedece!  
Caminha sem parar:  
E o sol, quando aparece,  
Já o encontra, robusto e manso, a trabalhar.  
Forte e meigo animal! Que bondade serena  
Tem na doce expressão da face resignada!  
Nem se revolta, quando o lavrador, sem pena,  
Para o instigar, lhe crava a ponta da aguilhada.  
Cai-lhe de rijo o sol sobre o largo cachaço;  
Zumbem moscas sobre ele, e picam-no sem dó;  
Porém, indiferente às dores e ao cansaço,  
Caminha o grande boi, numa nuvem de pó.  
Lá vai pausadamente o grande boi marchando...  
E, por ele puxado,  
Larga e profundamente o solo retalhando,  
Vai o possante arado.  
Desce a noite. O luar fulgura sobre os campos.  
Cessa a vida rural.  
Há estrelas no céu. Na terra há pirilampos.  
E o boi, para dormir, regressa ao seu curral...

Olavo Bilac

## Tatiana Belinky (1919-2013)



FONTE: <https://tatianabelinky.wordpress.com/>

Tatiana Belinky foi jornalista, escritora, tradutora de russo, alemão, inglês e francês. Foi colaboradora regular dos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde.

Nasceu em Petrogrado (atual São Petersburgo), na Rússia, em 1919. Em 1929, veio para o Brasil com os pais e dois irmãos menores. A família se fixou em São Paulo, onde Tatiana estudou, trabalhou, casou e teve dois filhos. Em 1948, junto com o marido, Júlio de Gouveia, começou a fazer teatro para crianças, escrevendo, adaptando e traduzindo os textos que o marido produzia e dirigia. É de sua autoria a primeira grande série adaptada para a televisão de Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato.

Desde 1985, publica seus próprios textos, pelos quais ganhou diversos prêmios. Faleceu dia 15 de junho de 2013, em São Paulo.

Fonte: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=174>

# Alguns poemas

## Bicholiques

“O urso é um bicho malvado!”,  
Disse o caçador, injuriado.  
Não levem a mal,  
Mas este animal  
DEFENDE-SE, quando atacado!  
Um bom garnisé, o Gazalo,  
Na corda vocal teve um calo.  
Um galo sem voz?  
Que coisa atroz!  
Azar! Virou canja de galo...  
A vaca amarela, aquela,  
Pulou a cancela e a janela,  
Porem se estrepou:  
Um rato a enxotou  
Com um pontapé na canela.

Tatiana Belinky

## **Inho – não!**

Andrezinho tem três anos  
E já se acha bem grandão:  
É por isso que não gosta  
De diminutivo, e então  
Não suporta que lhe digam  
“Dê a mãozinha” – (em vez de mão),  
Ou que mandem: “A boquinha  
Abre e come, coração!”  
“Inho”, “inha”, “Ito”, “ita”,  
São pra ele humilhação,  
O diminutivo o irrita:  
A Andrezim prefere um “ao”!  
Chama “gala” a galinha,  
Não aceita correção;  
“Escrivana”, a escrivaninha,  
E o vizinho é “vizão”;  
Chama “coza” a cozinha,  
O toucinho é “toução”,  
É “campana” a campainha –  
E ele próprio é o “Dezão”...

Tatiana Belinky

## **Mais bicholiques**

Um pato e seu primo, o rato,  
Viviam que nem cão e gato.  
Um deles, então,  
Num dia de cão,  
Do outro fez gato e sapato.  
A vaca que botou um ovo  
Deu grande alegria ao povo  
Mas certo petiz  
Torceu o nariz  
Dizendo: - Isto não é novo!  
Uns asnos fugindo da feira  
Fizeram-se ao mar na peneira  
A barca redonda  
Dançava na onda  
Com os asnos sem eira nem beira

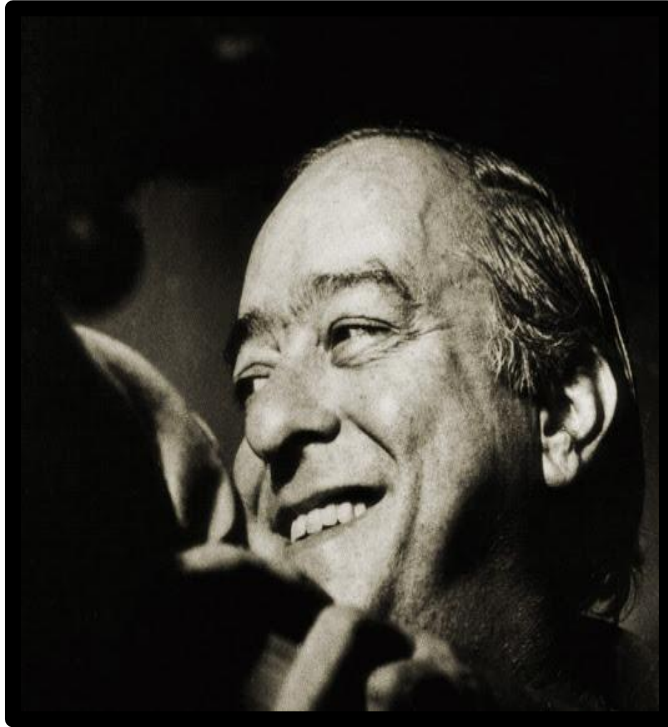
Tatiana Belinky

## **Sem medo do medo**

De monstros, fantasmas,  
Gosmentos miasmas,  
E coisa que – bumba! –  
Estourem assim;  
Vampiros dentuços,  
Viscosos e ruços,  
Querendo assustar  
A você e Amim;  
Na noite escura  
Não tenho paúra –  
A coisa é bem  
Diferente, isso sim!  
Porque meu segredo  
É nunca ter medo –  
São eles que tremem  
Com medo de mim!

Tatiana Belinky

## Vinicius De Moraes (1913-1980)



FONTE: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/galeria/fotos/1970-1980>

Marcus Vinícius de Mello Moraes foi um poeta e compositor brasileiro. Também atuou como dramaturgo e diplomata.

Vinicius de Moraes nasceu em 19 de outubro de 1913, no Rio de Janeiro.

Faleceu no Rio de Janeiro em 09 de julho de 1980

Fonte: <https://www.infoescola.com/literatura/vinicius-de-moraes/>

# Alguns poemas

## O girassol

Sempre que o Sol  
Pinta de anil  
Todo o céu  
O girassol  
Fica um gentil  
Carrossel.

O girassol é o carrossel das abelhas.

Pretas e vermelhas  
Ali ficam elas  
Brincando, fedelhas  
Nas pétalas amarelas.

- Vamos brincar de carrossel, pessoal?

- "Roda, roda, carrossel  
Roda, roda, rodador  
Vai rodando, dando mel  
Vai rodando, dando flor."

- Marimbondo não pode ir que é bicho mau!

- Besouro é muito pesado!

- Borboleta tem que fingir de borboleta na entrada!

- Dona Cigarra fica tocando seu realejo!

- "Roda, roda, carrossel  
Gira, gira, girassol  
Redondinho como o céu  
Marelinho como o Sol."

E o girassol vai girando dia afora...

O girassol é o carrossel das abelhas.

Vinicius de Moraes



## **As borboletas**

Branças  
Azuis  
Amarelas  
E pretas  
Brincam  
Na luz  
As belas  
Borboletas.

Borboletas brancas  
São alegres e francas.

Borboletas azuis  
Gostam muito de luz.

As amarelinhas  
São tão bonitinhas!

E as pretas, então...  
Oh, que escuridão!

Vinicius de Moraes

## **O ar (o vento)**

Estou vivo mas não tenho corpo  
Por isso é que não tenho forma  
Peso eu também não tenho  
Não tenho cor

Quando sou fraco  
Me chamo brisa

E se assobio  
Isso é comum

Quando sou forte  
Me chamo vento

Quando sou cheiro  
Me chamo pum!

Vinicius de Moraes

## **A cachorrinha**

Mas que amor de cachorrinha!  
Mas que amor de cachorrinha!

Pode haver coisa no mundo  
Mais branca, mais bonitinha  
Do que a tua barriguinha  
Crivada de mamiquinha?

Pode haver coisa no mundo  
Mais travessa, mais tontinha  
Que esse amor de cachorrinha  
Quando vem fazer festinha  
Remexendo a traseirinha?

Vinicius de Moraes